

MEMÓRIAS DO *Teatro da Cornucópia*

UM FILME DE SOLVEIG NORDLUND



Real
O A D I T
CINEVIDEOS
MULTIMÉDIA

REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

ICA

INSTITUTO DO CINEMA
E DO AUDIOVISUAL

RTP

U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

FLUL
FACULDADE
DE LETRAS

SPAUTORES
SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES

AGECOP
Associação e Gestão de Cópia Privada



SINOPSE

Reputado emblema do teatro interventivo português, o rasgo da Cornucópia surgia na obscuridade fascista para combater no palco a ditadura.

Entre os clássicos, nasce e morre um projecto, mas permanece icónico um rosto: Luís Miguel Cintra, que partilhou a sua arte com a permanente cumplicidade da cenógrafa Cristina Reis.

Juntos, guiados por imagens, dão o seu testemunho contando esta História.





DADOS TÉCNICOS

imagem: DCP Full HD cor & P/B

som: stereo

duração: 92'

idioma original: Português

ano: 2025



FICHA TÉCNICA

Filme narrado por: Luís Miguel Cintra e Cristina Reis

Realização: Solveig Nordlund

Montagem: Paulo Mil Homens

Música Original: Pedro Marques

Co-escrita de Projecto: Sabrina D. Marques

Câmara: Paulo Mil Homens

Captação de Som: Duarte Ferreira e Olivier Blanc

Correcção de Cor: Francisco Costa

Misturas de Som: Tiago Inuit

Genérico e Grafismos: Sofia Ferreira

Direcção de Produção: Jacinta Barros

Assistente de Produção: Cátia Ribeiro

Contabilidade: Sara Caixinhas

Produtores: Jacinta Barros e Rui Simões



APOIOS







SOLVEIG NORDLUND

Solveig Nordlund nasceu em Estocolmo, Suécia, mas tem uma forte ligação a Portugal desde há quarenta anos. Naturalizada Portuguesa, trabalha em cinema, televisão, rádio e também teatro, com o qual tem divulgado diversos autores nórdicos no nosso país, traduzindo e encenando os seus textos.

Estudou Línguas e Arte na Universidade de Estocolmo e Cinema na Sorbonne em Paris, no curso de Jean Rouch, como bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian. Iniciou a sua carreira como assistente de realização e montagem, tendo trabalhado em vários filmes de realizadores como Manoel de Oliveira, Alberto Seixas Santos, José Fonseca e Costa, António-Pedro Vasconcelos, João Botelho e João César Monteiro.

Começou a trabalhar como realizadora a partir de 1974 nas cooperativas Cinequipa, Cinequanon e Grupo Zero, de que foi fundadora.

Realizou vários filmes em colaboração com o Teatro da Cornucópia, baseados nas peças de Franz Xaver Kroetz (Música Para Si, Viagem Para a Felicidade, ambas em 1978 e Outras Perspectivas em 1980) e Karl Valentin (E Não se Pode Exterminá-lo? - 1979).

Entre 1980 e 1999 voltou a dividir o seu tempo entre Portugal e a Suécia, onde realizou inúmeros documentários tanto para a RTP como para a televisão sueca, curtas e longas-metragens.



Em 1998 estreou-se como encenadora com “A Noite é Mãe do Dia”, de Lars Norén, enquanto trabalhava no Centro Cultural de Belém e no Teatro da Malaposta. Colaborou com a Artistas Unidos, onde dirigiu as peças “Vai Vir Alguém”, “Sonho de Outono” de Jon Fosse, “Traições”, “Há Tanto Tempo” de Harold Pinter e “Cenas de um Casamento” de Ingmar Bergman.

Em 1999 regressou definitivamente a Portugal onde iniciou, além do cinema, uma carreira como encenadora de teatro. Em 2001 fundou a produtora cinematográfica Ambar Filmes, com a realizadora Margarida Gil. É também fundadora de uma produtora na Suécia, Torromfilm. Foi também produtora da maior parte das obras que realizou.

Os seus filmes estiveram presentes e premiados em Locarno, Roma, Mar del Plata, Roterdão, Montréal, São Paulo, Vila do Conde, Nova Iorque e Estocolmo, entre tantos outros.

Depois de longas-metragens como “A Filha” ou “Aparelho Voador a Baixa Altitude”, “A Morte de Carlos Gardel” é a primeira adaptação cinematográfica de uma obra de António Lobo Antunes, foi o filme de abertura do Douro Film Harvest e estreou em 9 salas do país. Foi emitido na televisão sueca em 2014 e 2015. Em Maio 2014 fez parte do Festival Ballard na Cinemateca de Oslo na Noruega. Em 2021 retrospectiva na Cinemateca do Instituto Sueco do Cinema. Retrospectiva na Cinemateca Portuguesa em 2022. Em 2023, foi homenageada na 60 edição do Porto Femme International Film Festival.



PRODUÇÃO



Fundada em 1986, a REAL FICÇÃO é uma produtora que nasceu de olhos voltados para o exterior. Ao longo de mais de trinta anos de actividade dedicados ao cinema e ao audiovisual, preservando um espírito interventivo sobre o presente, esta companhia tem encarado o cinema como uma permanente arma para responder à realidade social, política e económica.

A vitalidade do seu corpo de trabalho é a sua concentração na intervenção social: a sua filmografia agrupa estudos sobre a vida nas periferias, sobre os grupos mais desprotegidos da sociedade e sobre as minorias étnicas, sobre a relação de Portugal com o seu passado colonial ou sobre vultos emblemáticos da cultura nacional.

O percurso marcado por colaborações diversas está alicerçado numa reflexão conjunta e tem vindo a concentrar-se na análise das dinâmicas políticas e das carências sócio- económicas, na avaliação das consequências dos colonialismos, fascismos, guerras e imperialismos, sempre em estreita relação com o real. Se a sua actividade se desenvolve maioritariamente na área do Documentário Criativo, conta também no seu currículo com géneros como a Ficção, Cinema de Animação, Vídeoarte, Instalação Vídeo, Institucional, Multimédia, Intervenção Urbana e Escultura Visual.



Ao longo de um percurso amplamente exibido e distinguido, a REAL FICÇÃO tem desenvolvido parcerias de co-produção com diversos países, com destaque para os pertencentes à CPLP. Neste âmbito, o estabelecimento de parcerias com entidades e realizadores da Comunidade Lusófona tem-se mostrado crucial para a distribuição e divulgação da cinematografia de língua portuguesa. Sucessivamente aceitando novos desafios e procurando expandir-se, a produtora tem vindo a ser presença assídua nos vários mercados de cinema e audiovisual no estrangeiro, sendo representada por diversas distribuidoras internacionais.